

mentário sobre o futuro de Israel escrito em 1969. Eu mesmo não vejo como o não ser por milagre Israel pode sobreviver a longo prazo que Israel isto é como uma circunstância voluntária e artificial () Não vejo saída para isto. Se os israelenses fizerem concessões aos palestinos correm ou correrão o risco de perder sua identidade nacional ou de tornar-se outra vez uma minoria que poderá esperar perseguição. No entanto parece-me que este caminho é o único lugar onde pode ocorrer um milagre. (p.237)

Não se espere, entretanto, encontrar ensaios bem acabados sobre as questões de política da época. Em nenhum momento Hannah ou Mary escreveram uma para outra com a preocupação de comentar estes temas; suas cartas existiam porque sentiam necessidade de se falarem de se saberem o mundo vinha meio de reboque até para formar las mais próximas.

A publicação das cartas é um momento especial no movimento editorial. Quando as biografias e autobiografias ocupam cada vez

mais espaço nos catálogos das editoras, expressando uma vontade de saber do seu privado muito além do interesse de sua obra, as cartas trazem algo de novo e fundamental. Ao concluirmos sua leitura, temos um quadro muito claro do que foi a vida destas duas mulheres: não a vida privada ou a vida pública, mas simplesmente a vida. Não se deve ler a correspondência para saber mais da vida de uma ou de outra. Isto realmente acontece, mas tem pouca importância. O texto em si, os sentimentos que nele estão presentes, é uma obra de síntese e do mesmo tempo aberta escrita a quatro mãos.

Finalmente cabe menção especial à cuidadosa edição de Carol Brightman que reuniu as cartas e as publicou com um conjunto de notas primorosas, muito esclarecedoras, mas suficientemente curtas para não interromper o prazer da leitura, o prazer de privar com estas duas extraordinárias mulheres.

CELI REGINA JARDIM PINTO ■

A solidão da mulher da elite agrária

Ruídos da Memória

MALUF Manna

São Paulo Ed. Siciliano 1995

A partir de autobiografias e diários de mulheres da elite cafeeira do Oeste paulista *Ruídos da Memória* de Manna Maluf efetua uma narrativa da consciência de uma época. Consciência em termos pois apreende-se que a memória lhe antecede, movimentando-se numa região que é ao mesmo tempo realida de e metáfora. (p.140) Não postula a maneira kantiana o em si do passado fiel a ideia segundo a qual um fato acontecido é fato relembrado e limitado. Aquela que quer conhecer deve renunciar o âmbito de recordações estas constituem ruídos da vida anterior. Reencontrar o tempo requer trabalho de artista aquela que no dizer de Montaigne participa da mobilidade do modelo se fale diversamente de mim anotou e por me olhar diversamente (Ensaios II 19).

Deslocando a noção de identidade do passado para associar-lhe a de correspondência e analogia com o presente o livro entrelaça a modernidade industrial e o mundo agrário porque nos devires do tempo o que lhe interessa é também o futuro. O tempo metaforizado revela a presença de uma época em outra segundo marcas diferenciadas: os memoriais de Flora observa Manna Maluf não são datados, o que orienta o leitor a desenrolar os acontecimentos que dão a medida do tempo. Vai da família da infância à dispersão bandeirantista dos irmãos e dela própria até a decadência econômica. (p.79)

Em suas abordagens a autora não desculpa elementos epistemológicos gerais articulando a autobiografia à crítica de suas informações procurando os indícios aptos a transformar um fato em acontecimento. A verdade do historiador mostra Manna não é a do filósofo platônico que marginaliza o discurso verossímil para difinir opinião e verdade. O livro constitui as relações do historiador com as práticas sociais documentando os silêncios e as diferenças entre os agentes históricos de modo a restituir a história a tensão entre o costume e a

norma, entre o que foi narrado e o que deixou de ser. Assim, as tarefas e os papéis, os encargos e as responsabilidades das mulheres fazendeiras se impõem e reivindicam sua importância, não como sujeitos adicionais mas desafiando uma idéia de história que se pretendo objetiva e universal" (p.252). A história não é aquil um objeto inteiramente explicável e seguramente compreensível; é a maneira pela qual o espírito humano se depara com fatos que lhe são obscuros, aproxima aspectos da vida de modo a substituir o ininteligível pelo inteligível. Só que, freqüentemente, toma por causalidade histórica aquilo que, talvez, só se entenda a partir do mundo interno. A história admite, por vezes, a existência do acaso, onde múltiplas pequenas causas podem estar realmente em ação. Num sentido próximo a este, Nietzsche observava: "poderia haver uma espécie de escrita histórica que não contivesse nenhum vestígio de realidade e, no entanto, merecesse ser considerada objetiva no mais alto grau". Imparcialidade, pôis: ser absorvido pelo objeto da mesma forma que "o pintor vê um quadro e se esquece de si mesmo, sem qualquer preocupação pré-dada".

Marina encontra na solidão da mulher da

elite agrária um "estilo de vida". Isto é, pedagogia e ensinamentos. Dona Floriza evoca, tristemente, a devastação de seus cafezais, do pomar e das cercas vivas de que ela mesma cuidava - quando os arrenda ao filho já distante dos valores do núcleo familiar. "As árvores são vistas agora caídas no chão", gravou em seu diário, "com suas raízes olhando para cima como que pedindo misericórdia".

Neste livro, a alivida do historiador rigoroso e concentrado nas questões de método não se dissoci da tarefa da humanista, do moralista. Se formórmulas e citações se transmitem, no fio das gerações, exemplos para ações virtuosas, as memórias das mulheres fazendeiras, tal como Marina as trabalha, contêm sentenças. Sentenças não são apenas para serem lidas ou ouvidas, mas compreendidas e seguidas: são fator de orientação do pensamento.

Para além da reconstituição de uma época através de trajetórias individuais, *Ruínas da Memória* oferece, de maneira mais essencial, a dimensão ética da palavra e da História.

OLGÁRIA MATOS ■